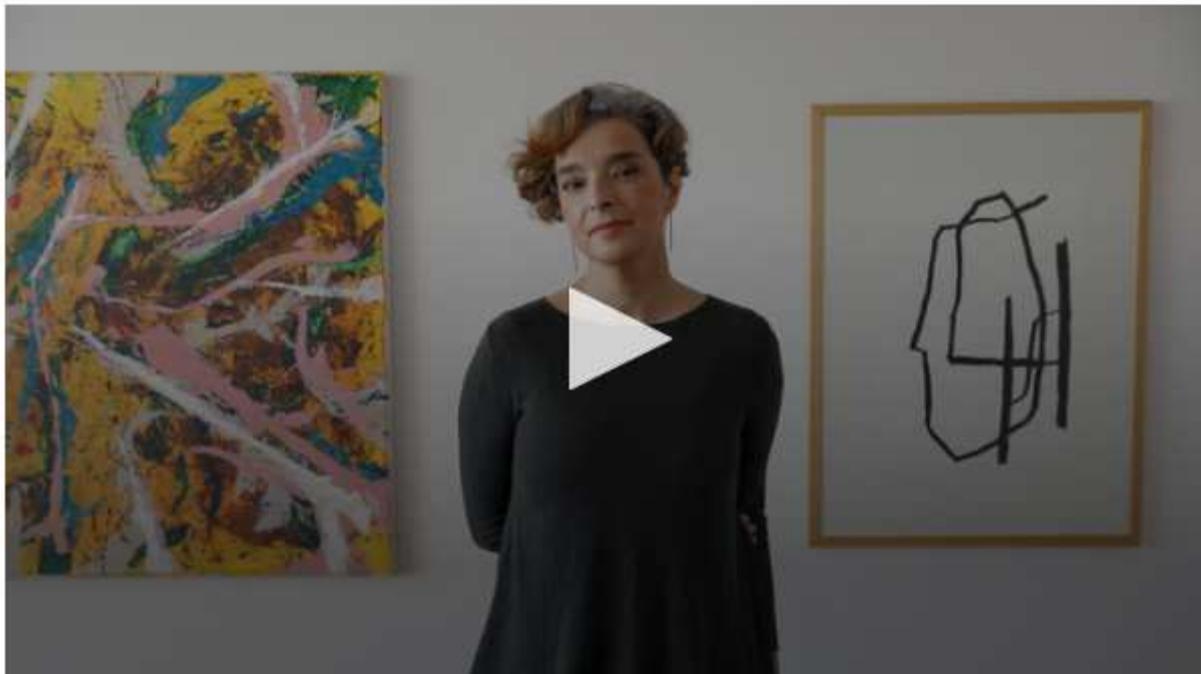


## 48 ANOS EXPRESSO

### Maria Manuel Mota: “Os cientistas têm de aparecer cada vez mais” na comunicação social



4 JANEIRO 10:39

Tiago Palma (entrevista e edição), Rúben Tiago Pereira (vídeo), Pedro Nunes (fotografia)

Para a diretora do Instituto de Medicina Molecular, a comunidade científica portuguesa 'revelou um espírito incrível' ao unir esforços para criar testes de covid-19 “made in Portugal”, mas defende que agora é o tempo de 'existir ciência para além da covid-19'. Leitora assídua do jornal Expresso, Maria Manuel Mota considera que para combater a desinformação é necessário que os cientistas surjam com mais frequência nos media para explicar as grandes questões. A propósito do 48.º aniversário do Expresso, escutámos o que pensam várias personalidades, da cultura ao desporto, da política à ciência, sobre o jornal, mas igualmente como a pandemia veio alterar o seu último ano e o que desejam do novo

#### **É da infância a primeira memória que tem do Expresso?**

Não, a minha primeira memória é tardia. Sou do norte e os meu pais não costumavam comprar o Expresso. Conhecia, mas não tinha bem essa noção. Já foi mais velha. Já estava a viver fora do país e realmente queria receber o Expresso, porque queria ter notícias do

Expresso. E depois passei a ser uma compradora assídua. Sou daquelas compradoras que até tem online — e já tenho online há muito tempo, não foi da pandemia —, mas a verdade é que muitas vezes ao sábado compro o jornal em papel. Ainda me dá muito prazer ter o jornal e a Revista a andarem por aí, pela carpete, debaixo do sofá, durante a semana toda. Porque é mesmo aquele tipo de jornal que a pessoa vai lendo durante a semana toda.

### **Enquanto cientista, e alguém que esteve na linha da frente do combate à covid-19, nomeadamente quanto à testagem da população, incomoda-a a proliferação de notícias falsas?**

Uma coisa é a pessoa ter direito à sua opinião — e toda a gente tem esse direito. Outra coisa é ser baseada em factos ou não. A verdade é que, enquanto cientistas, nós temos de ter noção de que um cientista é educado para basear-se naquilo que são os factos e a racionalidade. Portanto, ver opiniões que não são baseadas em factos é extremamente desmotivador. E pensamos: 'Como é possível? Como é que estamos aqui, neste ponto, no século XXI?' O que também é um falhanço da parte dos cientistas: não terem ainda a capacidade de explicar isto às pessoas. No entanto, muitas vezes as pessoas [negacionistas] usam algo muito forte, algo muito positivo na ciência, mas que para o comum dos mortais pode ser visto como uma fraqueza - a dúvida. O cientista vive de dúvida. O que é a dúvida hoje, será o processo para criar a certeza amanhã. Ou seja, um cientista à partida não vai dizer 'tenho a certeza que isto é assim' se não tenho a certeza que é assim. E isso cria brechas que as pessoas usam como fraqueza: 'Têm dúvidas e, portanto, é porque não sabem'. Acho que é preciso ter noção que se não sei hoje, amanhã saberei. Agora temos de ter aqui também noção que, em situações como estas, as opiniões mostram-se extremadas. O uso de máscara, por exemplo, tornou-se político. E acho que o nosso país não foi dos piores.